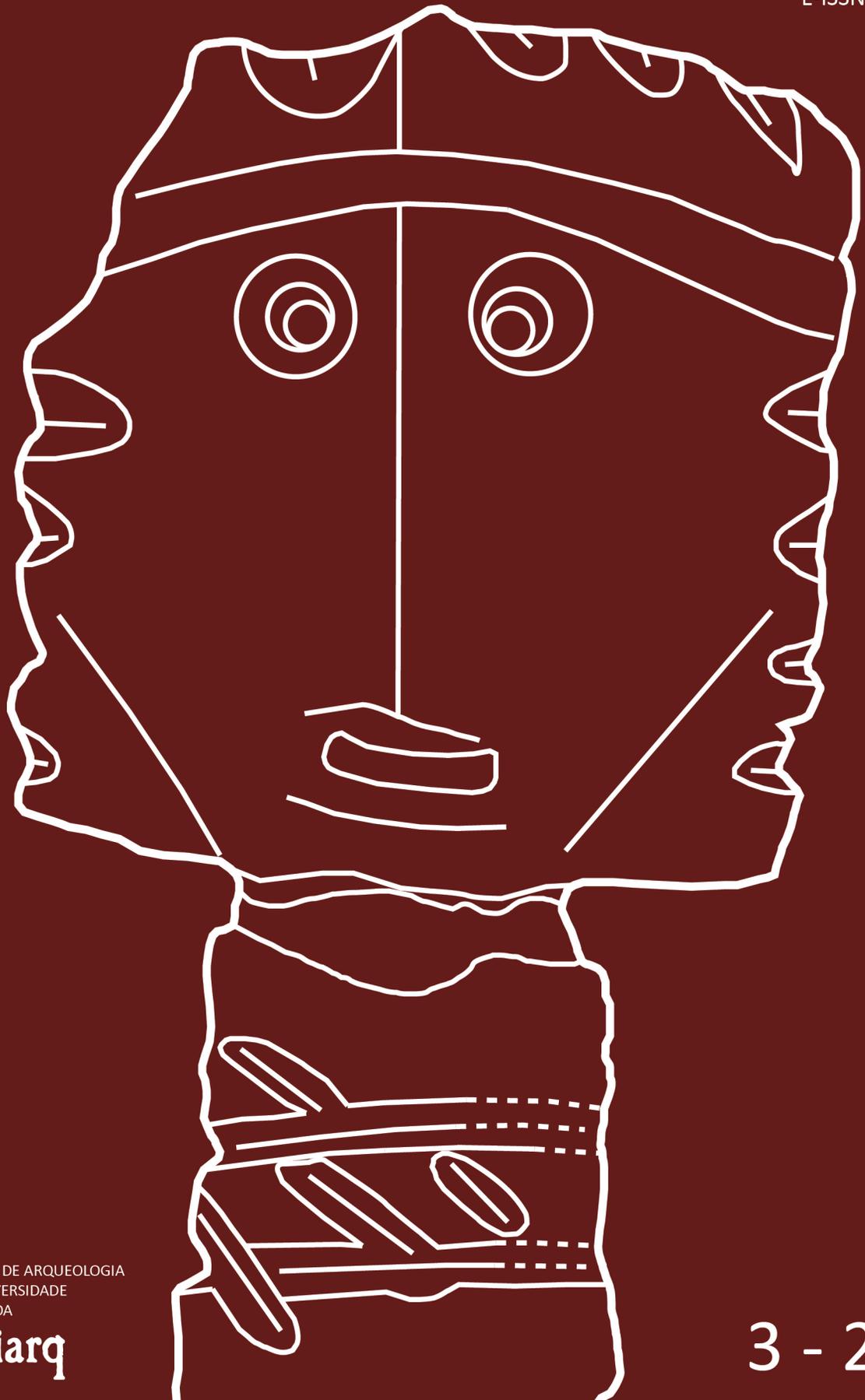


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 93-110. SUBMETIDO A 15.05.2019. ACEITE A 12.07.2019.

ÂNFORAS DA QUINTA DO LAGO (LOULÉ, PORTUGAL): AS IMPORTAÇÕES

AMPHORAE FROM QUINTA DO LAGO (LOULÉ, PORTUGAL): THE IMPORTS

ANA MARGARIDA ARRUDA¹

RESUMO

A *villa* romana da Quinta do Lago, em Almansil (Loulé, Portugal), é sobretudo conhecida pela unidade de produção de preparados piscícolas datada dos séculos III e IV, bem como pelas ânforas fabricadas localmente, que se destinavam ao envasamento desses preparados. Porém, a ocupação daquele espaço iniciou-se numa fase relativamente precoce do Alto Império, no século I, como ficou comprovado pelos materiais recolhidos durante os trabalhos de campo, entre os quais se contam as ânforas importadas. Estas últimas, com origens diversificadas (Itália, Bética costeira e Guadalquivir, Norte de África, Gália e Lusitânia), cobrem a totalidade da cronologia da ocupação (séculos I a IV), transportando para o sítio distintos produtos alimentares (vinho, azeite e preparados de peixe).

Palavras-chave: ânforas, período romano, comércio, Quinta do Lago, Algarve.

ABSTRACT

The Roman *villa* of Quinta do Lago, in Almansil (Loulé, Portugal), is mainly known through the unit of salted fish products, dating from the III and IV centuries, as well as the local amphorae, destined to the bottling of these products. However, the occupation of the space began at a relatively early stage of the Early Empire, in the first century AD, as evidenced by the materials collected during fieldwork, among which are imported amphorae. These amphorae, with diverse origins (Italy, Coastal Baetica and Guadalquivir valley, North Africa, Gaul and Lusitania), cover the whole chronology of the occupation (1st to 4th centuries), had transported different food products (wine, olive oil and fish).

Keywords: *amphorae*, Roman period, trade, Quinta do Lago, Algarve.

1. A OCUPAÇÃO ROMANA DA QUINTA DO LAGO: BREVE SINOPSE

As escavações que na segunda metade dos anos 80 do século passado (1985 e 1986) tiveram lugar na Quinta do Lago (Almansil, Loulé) (fig. 1) permitiram detectar dois núcleos de povoamento, de época romana e islâmica, separados entre si por cerca de 120 m. O primeiro, ao contrário do segundo, era relativamente restrito (cerca de 300 m²), situação que decorre do facto de os seus vestígios se prolongarem para os terrenos anexos da Quinta do Ludo, por um lado, e porque outros mais terão sido destruídos pelos trabalhos de terraplanagem realizados para a construção do campo de golfe de São Lourenço, por outro. Ainda assim, foi possível escavar dois equipamentos relacionados com atividades produtivas, concretamente tanques que faziam parte de uma “fábrica” de preparados piscícolas (figs. 2 e 3) e outros que atestam a produção de azeite, estes claramente associados a uma prensa ainda *in situ*, constituída por dois grandes pesos, ou contrapesos, paralelepípedicos.

Os dados recuperados nos trabalhos de campo permitem situar a fundação do sítio ainda no século I, muito provavelmente em torno dos seus meados. De facto, e apesar de não ter sido possível escavar níveis desta época, a verdade é que em valas e aterros diversos surgiram espólios que apontam para esta cronologia. É o caso, por exemplo, de alguns fragmentos de ânforas estudados neste trabalho, mas ainda de uma taça de *terra sigillata* itálica da forma *Conspectus* 23, datada do 2º/3º quartel do século I. Sendo muito escassos, estes materiais testemunham, todavia, uma ocupação antiga do alto império e uma relativa capacidade aquisitiva da população que fundou o sítio (Arruda 2017).

As importações de cerâmicas destinadas ao serviço de mesa e de produtos alimentares, envasados em ânforas, cresceram e diversificaram-se ao longo da 2ª metade do século I e em toda a centúria seguinte. A *terra sigillata* chegou sobretudo do sul da Gália, mas também da Hispânia e do norte de África. As primeiras totalizam 47 fragmentos. São todas oriundas do centro produtor de La Graufesenque, sendo maioritariamente lisas. Estão representadas por pratos (formas 15/17 e 18/31 de Dragendorff) e por taças lisas e decoradas (forma 27, 35, 36 e 37 de Dragendorff). Estas importações podem ser datadas, de forma genérica, entre o reinado de Tibério e os finais do século II.

A cerâmica destinada ao serviço de mesa

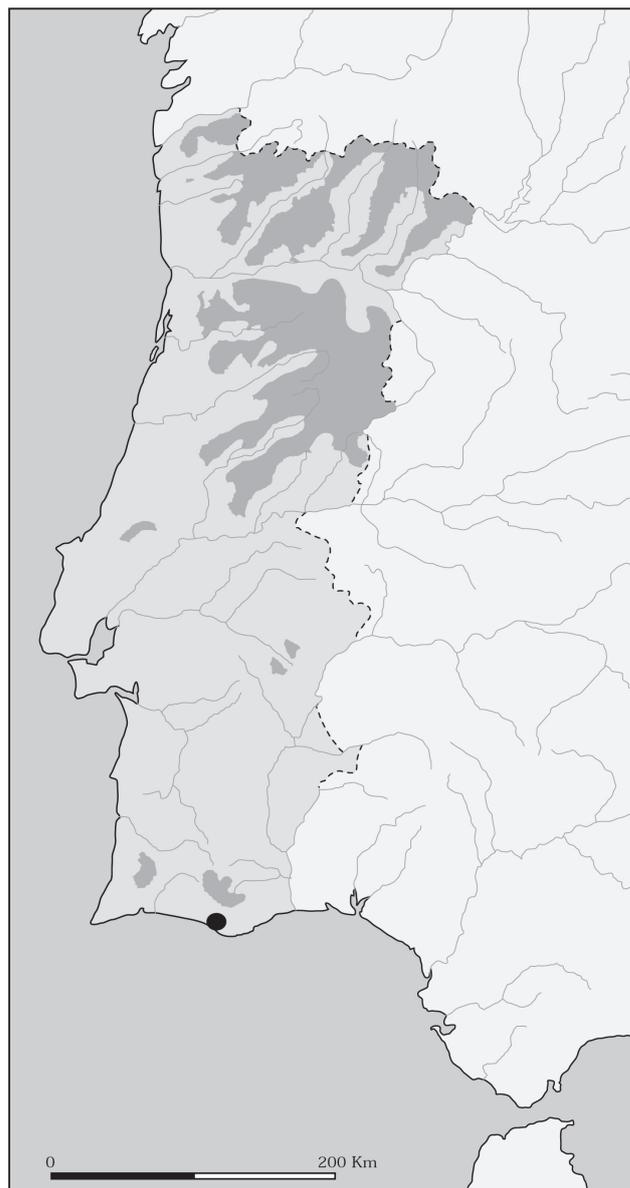


Fig. 1 - Localização geográfica da Quinta do Lago no contexto do território actualmente português.

oriunda do atual território espanhol é mais rara, havendo peças (15) com origem em Andújar, centro oleiro de grande dimensão localizado na província de Jaén (Andaluzia), e em Peñafior (dois vasos), também na Andaluzia, mas na província de Sevilha. A importação destes materiais (taças e pratos) aconteceu entre a segunda metade do século I e os finais do século II.

As importações norte africanas de cerâmica de mesa (*terra sigillata* clara) iniciaram-se ainda nesta fase antiga da ocupação romana da Quinta do Lago, com cerca de três dezenas de vasos de Clara A, correspondentes às formas 3, 6, 8 e 9 de Hayes. Trata-se, uma vez mais, de pratos e taças e terão

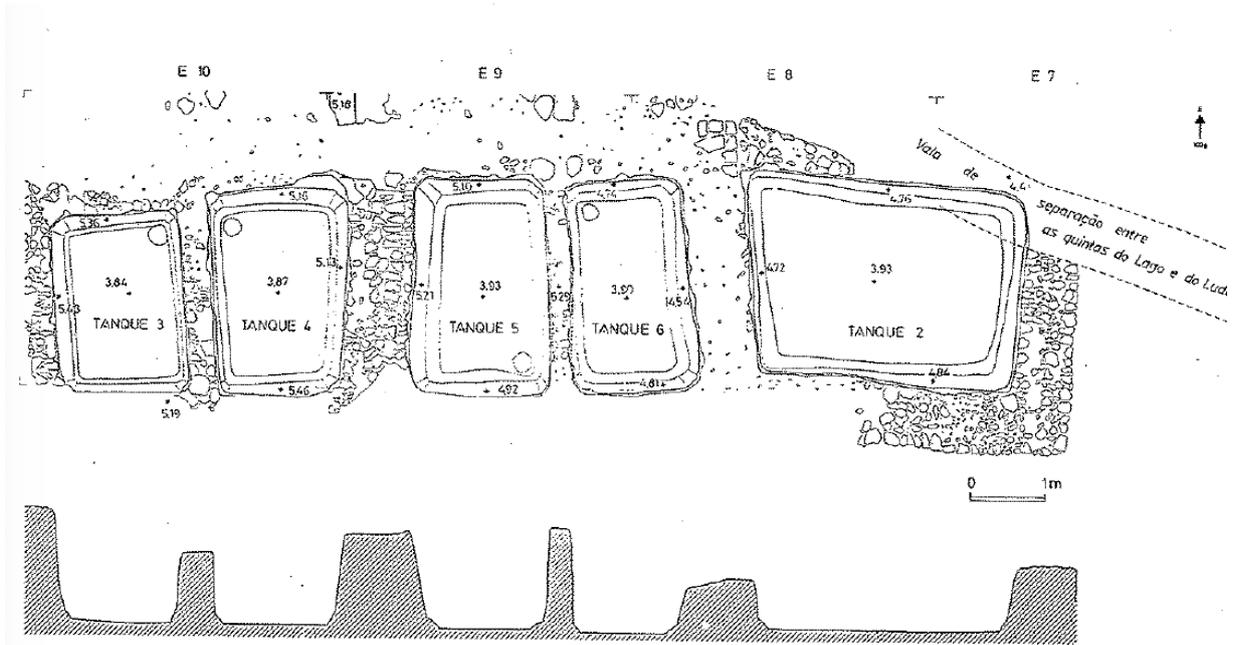


Fig. 2 - Planta da “fábrica” de salga da Quinta do Lago.

começado a chegar a este sítio do litoral algarvio nos finais do século I, perdurando até aos finais do II.

Na segunda metade do século III é construída uma unidade de produção de preparados de peixe, constituída por cinco tanques, havendo testemunhos indirectos do fabrico local de ânforas destinadas ao seu envasamento. A importação de produtos alimentares e manufacturados permaneceu importante na economia do sítio, tendo sido reconhecidas quantidades apreciáveis de *terra sigillata* Africana A, C e, sobretudo D, nas quais dominam as formas Hayes 3C, 8B, 14/17, 15 e 33, nas primeiras, as 50 e 58, nas segundas, e os grandes pratos das formas Hayes 60, 61A, 67 e 68.

A importância que o sítio atinge entre a segunda metade do século III e os meados do seguinte é também particularmente visível no abundante conjunto numismático (Conejo 2017), que terá servido para fazer face à necessidade de abastecimento de produtos importados, quer manufacturados, quer alimentares.

A partir da segunda metade do século IV, a ocupação da Quinta do Lago acusa alguma decadência. A produção de preparados de peixe e de ânforas cessa, diminuindo também consideravelmente as importações, apesar de algumas cerâmicas de mesa terem chegado ainda ao sítio no século V, concretamente e ainda a *terra sigillata* africana (Clara C), mas também a habitualmente designada *terra*



Fig. 3 - Tanques da unidade de produção de preparados piscícolas da Quinta do Lago.

sigillata luzente, produzida no Sudoeste da Gália (Formas 1/3 de Lamboglia). As 13 moedas (entre 166) do século V, que pouco ultrapassam os seus meados (Conejo 2019), ilustram também esta realidade.

As importações do 2º quartel do século VI são apenas vestigiais, evidenciando uma clara retração demográfica e uma acentuada decadência, que culminou no abandono total do sítio. Registe-se, contudo, as taças da forma Hayes 91, em *terra sigillata* Clara D, e alguns fragmentos que se enquadram no que a comunidade científica conhece por *Derivadas das Sigillatas Paleocristãs* (DPS).

2. AS ÂNFORAS IMPORTADAS DA QUINTA DO LAGO

2.1. A COMPOSIÇÃO DO CONJUNTO

O conjunto das ânforas importadas da Quinta do Lago compõe-se por 83 fragmentos, três dos quais não foram passíveis de classificação formal. Os restantes foram classificados de acordo com as tipologias de referência. Trata-se, maioritariamente, de bordos (39 fragmentos), bordo/colo (23 fragmentos), bordo/colo/asas (quatro fragmentos), bordo/colo/arranque de asas (14 fragmentos), fundos (um exemplar), asas (dois fragmentos).

No que se refere aos centros produtores, identificados através das características gerais dos fabricos (pastas e engobes), verifica-se que as importações itálicas, gálicas e lusitanas não algarvias são claramente minoritárias (três, dois e um, respectivamente). Muito mais numerosas são as ânforas com origem na Bética (27 exemplares), maioritariamente produzidas nos centros oleiros do litoral (22), mas também nos do vale do Guadalquivir. Os produtos africanos correspondem ao maior grupo do conjunto, totalizando 45 exemplares. A cinco fragmentos não foi possível atribuir uma qualquer origem concreta, sendo considerados inclassificáveis, três dos quais não foi possível integrar em nenhuma forma de qualquer das tipologias.

2.2. AS IMPORTAÇÕES ITÁLICAS

As ânforas itálicas estão representadas no sítio por três únicos exemplares, indiciando as pastas uma produção da costa tirrénica, mais exactamente da região Lácio/Campânia, dadas as características arenosas das pastas, que incorporam partículas negras, que correspondem a minerais vulcânicos, chamados augitas.

Todos, conservam bordo, amendoado, e parte do colo, cilíndrico. Os dois arranques de asa indicam a sua morfologia bífida. Integram-se na forma Dressel 2-4 (fig. 4, nº 1, 2 e 3).

Não surpreende o escasso número de ânforas com esta proveniência, uma vez que esta realidade replica o que se passa nos outros sítios do território actualmente português. Com efeito, o vinho itálico, abundantemente importado durante a época republicana envasado em ânforas greco-itálicas e Dressel 1, perde importância a partir do principado, justificando-se assim a raridade dos contentores incluídos no tipo Dressel 2-4. Registe-se, porém uma ampla distribuição da forma em todo o território

nacional, quase sempre associada a contextos da primeira metade do século I, com especial incidência no Noroeste, no vale do Tejo, no Alentejo (Litoral, Alto e Central) e, muito especialmente no Algarve, concretamente em Balsa (Viegas 2011: 359, Est. 65), Manta Rota (Viegas 2006), Quinta de Marim (Silva *et al.* 1992), Milreu (Teichner 2008), Cerro da Vila (Teichner 2008), Abicada (Teichner 2008), Foz do Arade (Silva *et al.* 1987, Diogo *et al.* 2000) e no centro histórico da cidade de Lagos (Almeida - Moros 2014). Mas, apesar da vasta geografia da sua distribuição em Portugal, em todos estes sítios a sua presença é apenas vestigial.

No que se refere à Quinta do Lago em concreto, deve ainda chamar-se a atenção para a escassez dos produtos itálicos em geral, associando-se os dados das ânforas aos da *terra sigillata* itálica, estes últimos consubstanciados na taça da forma *Conspetus* 23, já referida. Estes materiais testemunham a fase inicial de ocupação do sítio, que se pode colocar entre o segundo e o terceiro quartel do século I, cronologia que parece a mais adequada também para estes fragmentos de ânforas.

2.3. AS IMPORTAÇÕES DA GÁLIA

O consumo de vinho gálico na Quinta do Lago foi raríssimo, tendo sido registados apenas dois fragmentos de ânfora (bordos e parte do colo) que se integram nestas produções (fig. 6, nº 1 e 2).

Recolhem-se na forma Gauloise 4, o contentor vinário da Narbonense mais comercializado no Ocidente, e possuem bordos engrossados e arredondados. Em um deles é visível o arranque da asa. Tendo início ainda no século I, é uma forma típica do seguinte, apesar de ser consensual o prolongamento da sua produção até, pelo menos, aos finais do III (Laubenheimer 1985, Long - Duperron 2011, Mauné 2013).

No território actualmente português, este tipo de ânfora está atestado, sempre em quantidade reduzidas, sobretudo no litoral da metade sul. No Algarve, a sua presença foi registada em quase todos os sítios litorais com ocupação de época romana, especificamente em Balsa (Viegas 2011), Pedras d'El Rei (Viegas - Dinis 2010), Quinta de Marim (Silva *et al.* 1992), Faro (Viegas 2011), Monte Molião (Arruda - Viegas 2016), Lagos (Almeida - Moros Díaz 2014) e Vidigal (Pereira 2012).

Na Quinta do Lago, estas ânforas podem ser associadas aos momentos alto-imperiais da sua ocupação.

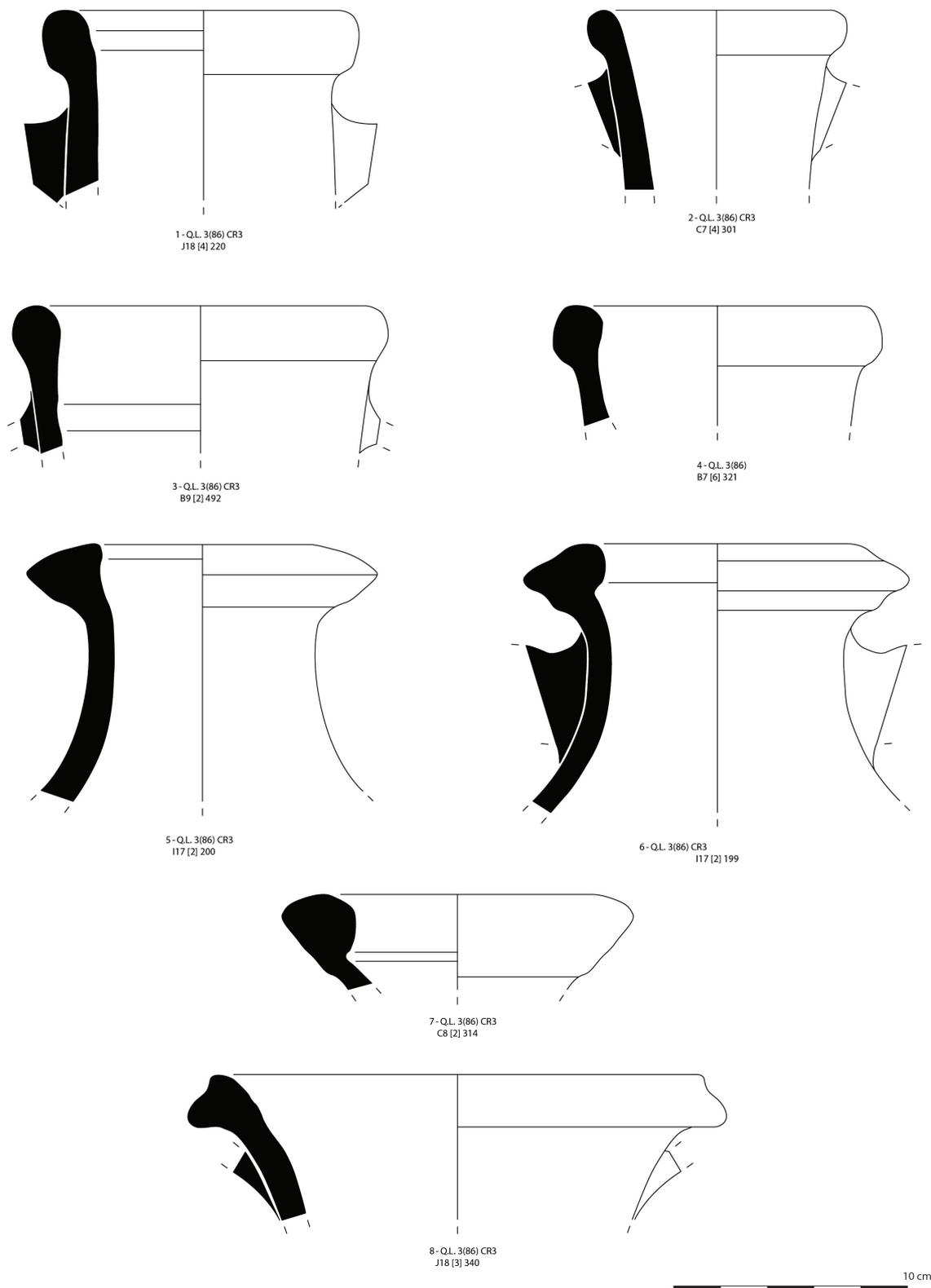


Fig. 4 - Ânforas: itálicas de tipo Dressel 2/4 (nº 1, 2 e 3); de tipo Dressel 2/4 de produção bética/Guadalquivir (?) (nº 4); de tipo Dressel 20 (nº 5, 6, 7); de tipo Dressel 28 (nº 8).

2.4. AS IMPORTAÇÕES BÉTICAS

2.4.1. O GUADALQUIVIR

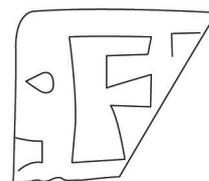
Também raras são as ânforas com origem no vale do Guadalquivir, que totalizam seis fragmentos. Destes, quatro cabem na forma Dressel 20, sendo um deles uma asa.

Um dos bordos (fig. 4, nº 5) pode ser recolhido no tipo III de Berni Millet (2008), ou na Variante D, datada de uma fase antiga da dinastia dos Antoninos, com cronologia entre os finais do 1º quartel e os finais do 3º do século II (Berni Millet - García Vargas 2016).

As características morfológicas dos restantes (fig. 4, nº 6 e 7), que conservam ainda parte do colo e o arranque de uma das asas, permitem a sua integração na variante E, do século III (Berni Millet - García Vargas 2016).

A asa (fig. 5), de secção sub-circular, merece destaque por ostentar uma marca, infelizmente muito incompleta, impressa em cartela rectangular. Conserva-se um F, antecedido por ponto intermédio, antes do qual existe o que resta da letra anterior, que poderá corresponder a um L. Os dados que existem não permitem, porém, a identificação da *Figlina*. Contudo, atendendo ao desenho da letra e à configuração do ponto intermédio parece possível admitir uma cronologia da fase antonina precoce (120-160) para este fragmento de asa.

A presença de ânforas Dressel 20 na Península Ibérica, em geral, e no território actualmente português, em particular, é muito expressiva, uma vez que se atesta em quase todos os sítios arqueológicos ocupados em época romana imperial, desde o início do 2º quartel do século I até aos finais do III, sendo porém mais significativas em contextos flávios. É assim impossível apontar, detalhadamente,



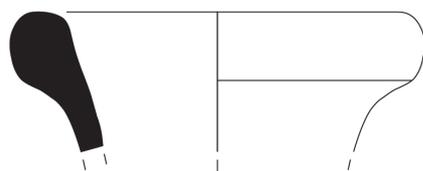
5 cm



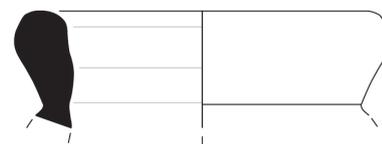
Fig. 5 - Asa de ânfora de tipo Dressel 20, com marca.

todos os paralelos para os nossos exemplares. Se nos centrarmos no Algarve, os tipos presentes na Quinta do Lago estão representados, por exemplo, em Faro (Viegas 2011: 213), em Balsa (Viegas 2011: 361), na Quinta de Marim (Silva *et al.* 1992) e em Lagos (Almeida - Moros 2014).

Esta escassez de ânforas Dressel 20 na Quinta do Lago testemunha a fraca dependência do sítio em relação ao azeite bético, o que se pode explicar pela expressividade, em termos numéricos, dos contentores oriundos do norte de África, que abaixo se comentarão, bem como da própria produção local (Arruda 2017).



1-Q.L. 3(86) CR3
C4 [5] 306



2-Q.L. 3(86) CR3
C4 [4] 351

10 cm

Fig. 6 - Ânforas da Gália de tipo Gauloise 4.

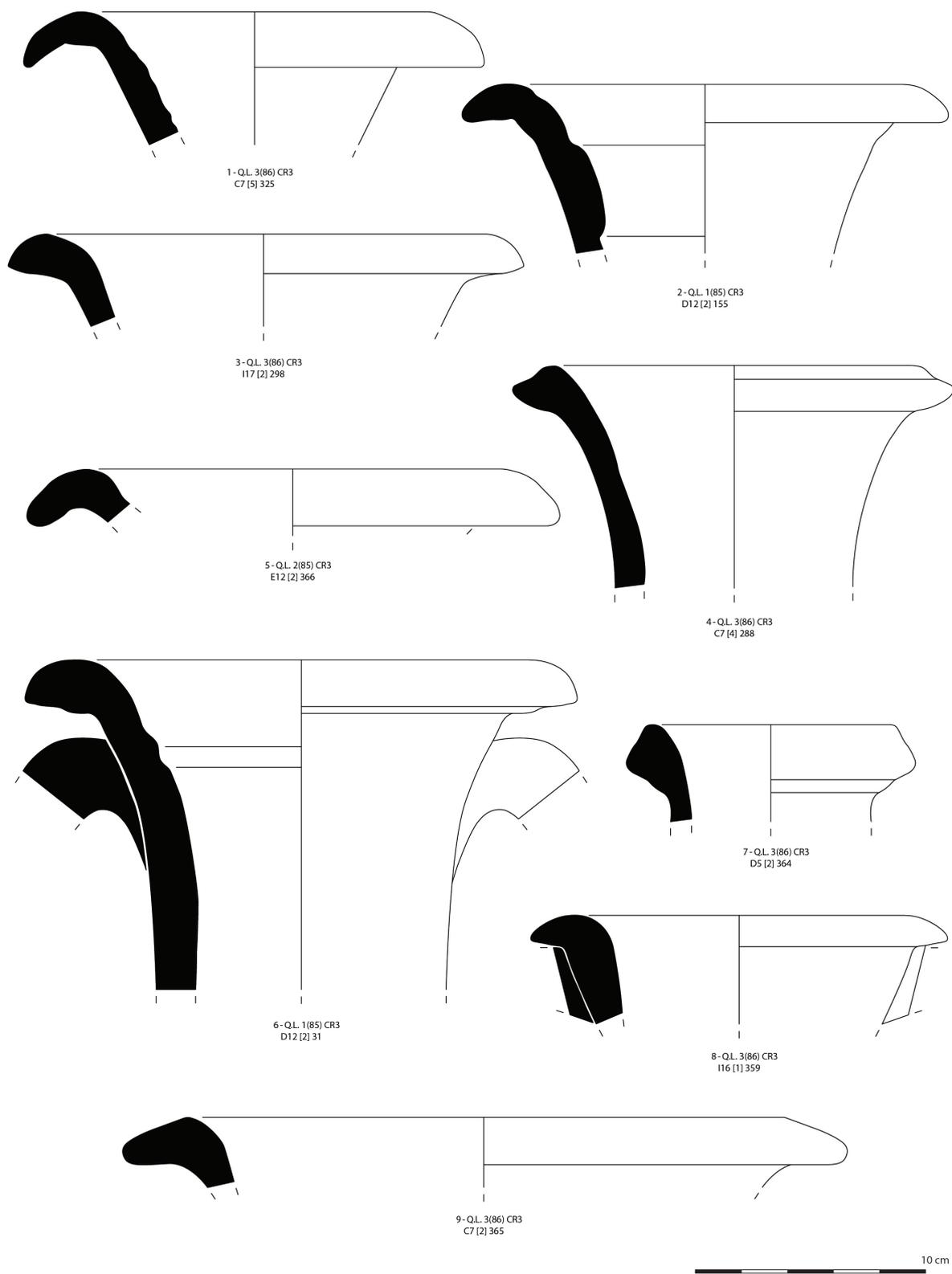


Fig. 7 - Ânforas béticas/baía de Cádiz, da forma Beltrán IIB.

A importação de produtos vinários do baixo Guadalquivir está documentada a partir dos meados do século I, através de dois exemplares incluíveis no tipo Dressel 28 (fig. 4, nº 8), ânfora vinária de pequena dimensão e fundo plano. Os bordos são exvasados e os lábios possuem duas molduras de idêntica dimensão. O arranque da asa, imediatamente abaixo do bordo, permite antever que esta seria larga e de perfil rectangular. Estas características, especificamente a dimensão das molduras do lábio, possibilitam avançar com uma cronologia da segunda metade do século I (Martín-Kilcher 1994: 356-358, Carreras Monfort - García Vargas 2016), correspondendo à primeira fase de ocupação do sítio que nos ocupa neste trabalho.

O fabrico caracteriza-se por uma pasta pouco compacta, muito porosa de cor bege, esverdeado, não sendo impossível, assim, propor como origem o único centro produtor bem conhecido, o Hospital de las Cinco Llagas (García Vargas 2000: 88-89).

A sua fraca representatividade, em geral, e no território actualmente português, em particular, pode traduzir uma produção não muito frequente. Contudo, a sua presença, sempre numericamente insignificante, está atestada no litoral ocidental, por exemplo no vale do Tejo, havendo um caso no Algarve, concretamente em Balsa (Viegas 2011: 360, 364, Est. 66, nº 804), de fabrico gaditano.

Um fragmento de bordo e colo, com arranque de asa, foi classificado, com muitas reservas, no tipo Dressel 2-4 (fig. 4, nº 4), ânfora que imitou os protótipos itálicos a partir do reinado de Augusto. A presença no Ocidente peninsular de ânforas desta forma e produção é conhecida no Noroeste, mas sobretudo no litoral ocidental (Lisboa, Santarém), no Alentejo e no Algarve, em Pedras d'El Rei (Viegas - Dinis 2010), *Balsa* (Viegas 2011: 358) e Monte Molião (Arruda - Viegas 2016).

2.4.2. O LITORAL BÉTICO

As importações oriundas da costa da Bética são muito mais numerosas, 22 exemplares (fig. 7, nº 1-9), todos integrados na Forma IIB de Beltrán. Dez pertencem à variante mais antiga (Variante A), da segunda metade do século I, e 12 à mais tardia (Variante B), típicas da primeira metade do século II, podendo atingir, contudo, os primeiros decénios do século III. As pastas acusam uma área de fabrico localizada na baía de Cádiz.

A ânfora de tipo Beltrán II B é o contentor de preparados piscícolas, por excelência, estando

distribuída por todo Mediterrâneo Ocidental e áreas atlânticas da Península Ibérica e do norte de África, tendo atingido a Britânia e também, episodicamente, o Oriente (García Vargas - Bernal Casasola - Diaz Rodriguez 2016). A forma, individualizada por Beltrán Lloris nos anos 70 do século passado, foi dividida em duas variantes, A e B, por García Vargas em 1998. A primeira conservaria ainda traços característicos do contentor de que evolui (Dressel 7-11), que se perderiam na variante seguinte, mais tardia.

Está muito bem representada no Algarve litoral, devendo citar-se os exemplos de Castro Marim (Arruda *et al.* 2006), Balsa (Viegas 2011), Pedras d'El Rei (Viegas - Dinis 2010), Quinta de Marim (Silva *et al.* 1992), Faro (Viegas 2011), Milreu (Teichner 2008), Cerro da Vila (Teichner 2008), Monte Molião (Arruda *et al.* 2008, Arruda - Viegas 2016), Lagos (Almeida - Moros Diaz 2014) e Vidigal (Pereira 2012).

Atendendo aos dados sobre a cronologia da sua produção (García Vargas 1998, Bernal Casasola 2001, García Vargas *et al.* 2016), estas ânforas integram-se na fase alto imperial da Quinta do Lago, entre a segunda metade do século I e os finais do século II.

2.5. AS ÂNFORAS AFRICANAS

Como já se referiu acima, as ânforas com origem no norte de África são as mais abundantes na Quinta do Lago. Esta realidade prende-se, naturalmente, com o facto de os estratos correspondentes às ocupações dos séculos III e IV estarem mais bem documentados, sendo os materiais arqueológicos desta fase de ocupação incomparavelmente mais abundantes do que os da fase anterior. É o caso das cerâmicas de mesa e também o das moedas. Assim, não é surpreendente o número muito expressivo de ânforas africanas, que constituem a larga maioria das importações neste período.

O conteúdo das ânforas africanas, sobretudo das dos tipos Africana II e III (=Keay 25) de Bonifay (2004), tem vindo a ser discutido. O azeite foi desde sempre o produto mais assumido, atendendo à sua presença expressiva no Testaccio (Blázquez Martínez - Remesal Rodríguez 2010), mas a sua associação a fábricas de preparados de peixe no local de origem, e, sobretudo, o facto de muitos exemplares apresentarem as superfícies internas cobertas de resina/pez levou à presunção de um conteúdo piscícola e inclusivamente vinícola (Bonifay 2004). Porém, a impossível coexistência entre resina/pez e

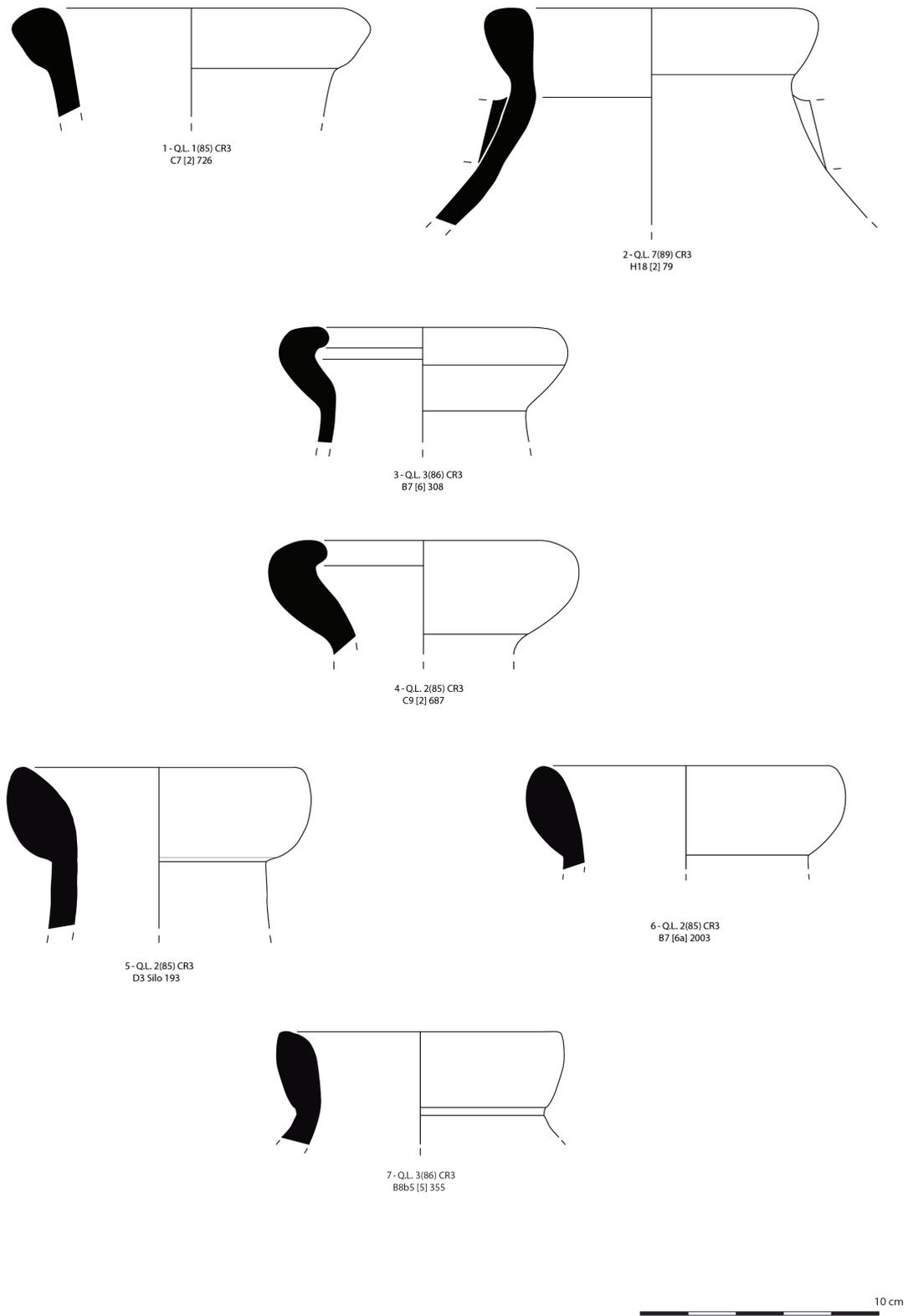


Fig. 8 - Ânforas africanas, nº 1 e 2 - Ostia XXIII; nº 3 e 4 - Africana I; nº 5 e 6 Africana II A3; nº 7- Africana IIB (?).

azeite foi descartada há poucos anos, quando análises químicas provaram a presença de ambas as substâncias (Pecci - Cau Ontiveros 2010, Garnier - Silvino - Bernal Casasola 2011), dando razão, aliás, aos que já colocavam em dúvida a utilização deste critério para definir conteúdos de ânforas (Bernal Casasola 2004).

2.5.1. OSTIA XXIII

As ânforas de tipo Ostia XXIII são consideradas um dos primeiros contentores africanos de morfologia romana, tendo sido fabricadas desde o final do século I. A sua produção e distribuição prolongou-se até ao primeiro quartel do século III, como ficou demonstrado em Roma, no Testaccio, onde são já escassas nesta cronologia (Revilla 2010: 563, 2013, 2014) e em Ostia (Rizo 2014: 281). De acordo com as características das pastas admite-se uma origem na região da Bizacena, sobretudo no Norte da Tunísia, concretamente e entre outras, nas olarias de Tabarka, apesar de o seu fabrico também ser admitido em outras áreas inclusivamente na própria Tripolitana.

Este tipo anfórico teve, em geral, uma difusão limitada, não se conhecendo exemplares na Península Ibérica, com excepção do território português, onde são conhecidas, apenas e em números muito limitados, em Lisboa (Filipe 2018: 481) e em Monte Molião (Arruda - Viegas 2016: 454, 459, fig. 10, nº 8).

Na Quinta do Lago, dois bordos puderam ser enquadrados neste tipo africano precoce (fig. 8, nº 1 e 2), cujas pastas indicam uma origem tunisina.

2.5.2. AFRICANA I

Dois bordos, um dos quais com colo (fig. 8, nº 3 e 4), podem ser integrados neste tipo anfórico, concretamente na variante B (Ostia I), uma vez que possuem as faces assimétricas (internas acentuadamente côncavas; externas convexas) (Bonifay 2004: 107). Esta variante em concreto das também chamadas "africana piccola" (Panella 1982: 173) pode ser datada, de acordo com os dados de Puppit e Nabeul, do século III (Bonifay 2004: 107), o que concorda com o que conhecemos do sítio em estudo. Por outro lado, os dados do Testaccio (Revilla Calvo 2007: 276, 2014) provam que o consumo do azeite africano envasado neste tipo de contentor foi, em Roma, um facto consumado sobretudo em meados do século III.

No Algarve, a forma documentou-se em Faro (Viegas 2011: 232, Almeida *et al.* 2014), em Pedras d'el Rei

(Viegas - Dinis 2010: 248), tendo sido recolhida também em contextos sub-aquáticos, como o do Arade (Diogo *et al.* 2000: 85, Avelino 2015).

2.5.3. ÂNFORAS AFRICANAS IIA VARIANTE 3

Apenas dois bordos, espessos e arredondados no exterior, um dos quais com parte do colo, podem ser incluídos no tipo IIA, variante 3 (fig. 8, nº 5 e 6). Trata-se de recipientes produzidos na região de Bizacena (Keay 1984: 114). Uma cronologia da segunda metade do século III parece ser, neste momento, a mais adequada para estes recipientes, que aliás convivem no norte de África com as Africanas II B (Bonifay 2004: 111).

No Algarve, a forma documentou-se em Faro (Viegas 2011: 232, Almeida *et al.* 2014), Balsa (Viegas 2011: 375), Pedras del Rei (Viegas - Dinis 2010: 248) e, em contexto sub-aquático, na foz do Arade (Silva *et al.* 1987, Diogo *et al.* 2000, Avelino 2015).

2.5.4. AFRICANA IIB

Com algumas reservas classificaram-se dois bordos e parte do colo como pertencentes ao tipo IIB, forma que é aliás a mais mal definida dentro dos quatro grupos da do tipo II (Bonifay 2004: 111). Tal como notou o investigador francês, a inclusão neste tipo deve-se, muitas vezes ao facto de certos bordos não caberem nos tipos A, C e D (Bonifay 2004: 111). De qualquer modo, é sempre pouco abundante, mesmo no norte de África.

Os exemplares da Quinta do Lago (fig. 8, nº 7) são altos, de perfil grosseiramente quadrangular, separados do colo por uma ranhura relativamente profunda. O fabrico sugere uma produção da Tripolitânia.

Em termos cronológicos, pode apenas avançar-se que não são anteriores ao século III, estando bem documentadas em Roma, concretamente no Monte Testaccio (Revilla Calvo 2007: 276).

2.5.5. AFRICANA IIC

As ânforas africanas do tipo Africana IIC, produzidas na região de Nabeul, no território da actual Tunísia (Bonifay 2004), são 12 (fig. 9, nº 1-10), têm bordos altos, com perfis convexas. A cronologia da produção e circulação deste contentor situa-se entre a segunda metade do século III e o século IV, de acordo com os dados de Ostia (Panella 1973).

O conteúdo das Africanas II C deverá ser

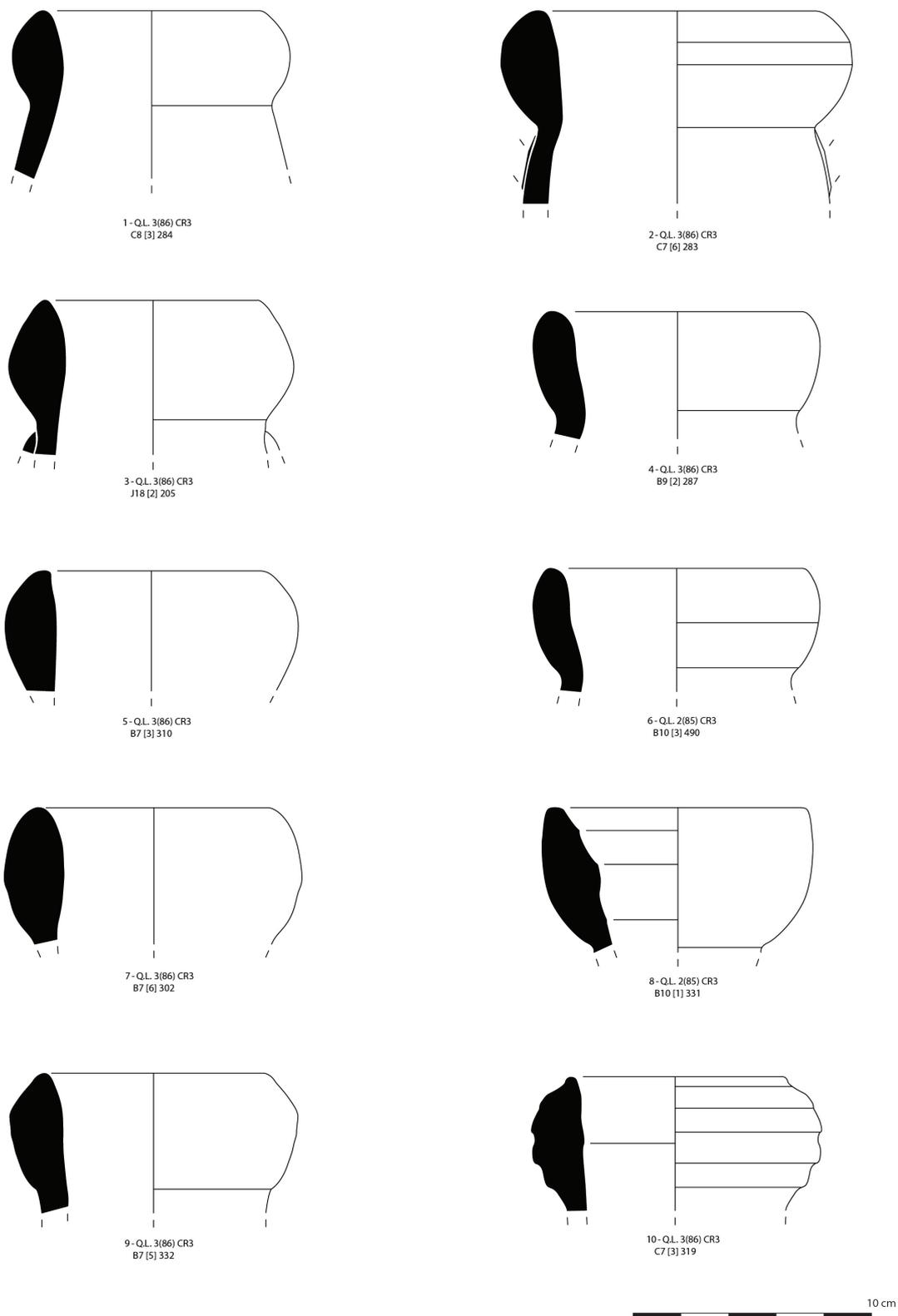


Fig. 9 - Ânforas africanas ILC, nº 1 – variante 1; nº 2-6 e 8 - variante 2; nº 7, 9 e 10 -variante 3.

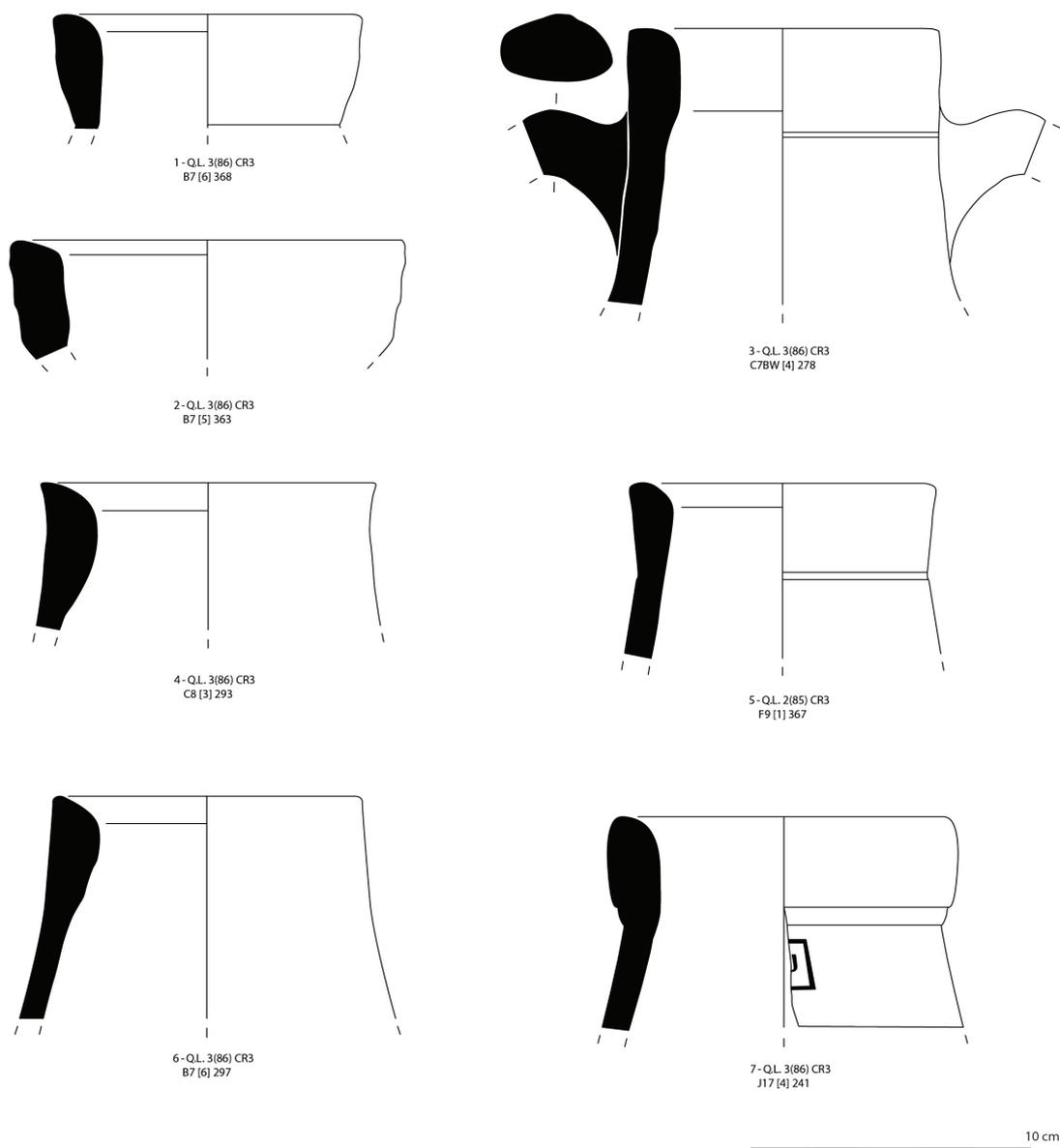


Fig. 10 - Ânforas africanas IID.

maioritariamente o azeite, como defendeu S. Keay (1984: 119), apesar das dúvidas que o revestimento resinoso das superfícies internas levantou (Bonifay 2004: 114-115). Neste caso, porém, alguns selos de bronze a elas associados, poderiam justificar a defesa dos preparados de peixe.

Oito fragmentos de bordo, altos e convexos, podem integrar-se na variante 2 definida por Bonifay (fig. 9, nº 2-6 e 8) para esta forma em concreto, dado o diâmetro do bordo (11,3 / 12 cm) e a sua altura (4,5 / 5 cm), apontando assim a cronologia para os finais do século III Bonifay (2014: 115). Todos eles terão sido produzidos na região da actual Tunísia.

Três cabem na variante 3 definida por Bonifay (2014), dadas as caneluras presentes nos bordos altos (5,8 cm em média para diâmetros de 12 / 13 cm) e convexas na face externa (fig. 9, nº 7, 9 e 10). Esta variante em concreto deverá pertencer ao século IV (Bonifay 2004: 115).

Um bordo com diâmetro de 12 cm e 4,5 cm altura pertencerá a variante 1 (fig. 9, nº 1), o que permite datá-la da segunda metade do século III.

No Algarve, as ânforas africanas II C são conhecidas em Faro (Viegas 2011: 233), em Balsa (Viegas 2011: 375), em Loulé Velho (AAVV 2017: 372) e em Pedras d'el Rei (Viegas - Dinis 2010).

Estes dados da Quinta do Lago compaginam-se com a ocupação mais tardia do sítio dos séculos III e IV, momento de particular desenvolvimento.

2.5.6. AFRICANA IID

As ânforas Africanas II D estão representadas, na Quinta do Lago, por nove fragmentos de bordo, dos quais dois possuem arranque de asa (fig. 10, nº 1-7). Três poderão caber na variante D1 de Bonifay (2004: 115) se se tiver em consideração o facto de serem destacados do colo, mas nunca atingirem a espessura dos das do tipo II C. Uma destas (fig. 10, nº 7) possui no colo o que resta da cartela e de um carácter da marca que possuiria. Infelizmente, não é possível qualquer leitura mais detalhada acerca dos mesmos.

Cinco possuem um ligeiro espessamento na face interna, sendo planos na externa, diferenciando-se do colo apenas por uma canelura mais ou menos acentuada. Estas características morfológicas permitem a sua integração na variante D2 de Bonifay (2004: 115). A maior parte será proveniente de oficinas na região de Bizacena, havendo, contudo, dois que parecem ter sido fabricados na Tripolitana. Um outro bordo pode ser considerado de transição entre as de Tipo C e de Tipo III (fig. 10, nº 5), atendendo à espessura e ao escasso diâmetro.

A cronologia avançada para a produção destas ânforas Africanas II D está balizada entre os meados do século III e o primeiro terço do IV (Bonifay 2004: 117), podendo, contudo, ter atingido o V, de acordo com S. Keay (1984: 121).

No Algarve, a forma é escassa, estando, contudo, documentada em Balsa (Viegas 2011: 376), Faro (Viegas 2011: 238, Estampa 37, nº 518 a 521), e em achados sub-aquáticos da Meia Praia (Avelino 2015).

2.5.7. AFRICANA III (= KEAY 25)

As ânforas Africanas III são relativamente abundantes na Quinta do Lago, sendo as da variante A de Bonifay (2004: 119) as mais numerosas entre elas, tendo sido contabilizados 13 fragmentos de bordo, bordo e colo, bordo/colo e asas (fig. 11, nº 1-10). O bordo é alto e vertical ou ligeiramente exvasado, terminando por vezes no que os colegas italianos de Ostia chamaram “a becco” (Manacorda 1977). O colo é tronco-cónico e as asas têm perfil oval. Foram fabricadas nas olarias da região de Bizacena (Bonifay 2004: 119, 2016: 596).

Da variante B, pelo contrário, existem apenas dois exemplares (fig. 12, nº 1 e 2), cujos bordos são espessados e exvasados. No Algarve, as ânforas desta forma são raras, tendo sido reconhecidas em Loulé Velho (AAVV 2016: 372).

Com algumas reservas, integra-se no tipo Keay XXV, subtipo 2 de Bonifay (Africana III C) um bordo (fig. 12, nº 3), que tem em Balsa um paralelo quase exacto (Viegas 2011: 377, Est. 71, nº 892).

No Algarve, as ânforas africanas III parecem estar ausentes de quase todos os sítios. Porém, não é impossível que alguns exemplares de Faro classificados como Africana IID correspondam efectivamente ao tipo III, variante A (Viegas 2011: Est. 37, nºs 518 a 521).

2.5.8. OUTRAS IMPORTAÇÕES AFRICANAS DO SÉCULO III/IV

Com pastas que indubitavelmente apontam para uma origem norte africana existem ainda três bordos, cuja classificação tipológica é, no entanto, difícil de concretizar, uma vez que não apresentam nenhuma das particularidades mais típicas das formas tipificadas por S. Keay (1984) e/ou por M. Bonifay (2004). Uma delas, porém, pode corresponder indistintamente aos tipos Keay XXIV ou XLVI (fig. 13, nº1).

2.6. A LUSITÂNIA OCIDENTAL

Apenas um fragmento de bordo foi reconhecido como importação da Lusitânia Ocidental, podendo ser integrado no Grupo Lusitana 3 (fig. 13, nº 2). O bordo é vertical e em fita, sendo côncavo na face interna. Na externa, é convexo e ligeiramente espessado, observando-se uma canelura na área de ligação ao colo. Imediatamente abaixo do bordo, já no colo, é perceptível o arranque de uma asa.

As características de fabrico indicam uma produção da área do Tejo/Sado. A cronologia deste tipo anfórico de fundo plano, inspirado nas Gauloise 4, pode ser enquadrada entre os meados do século II e os inícios/meados do século III, de acordo com os dados obtidos nos centros oleiros do Sado (Enchurrasqueira, Abul A, Quinta da Alegria Herdade do Pinheiro) e da margem esquerda do Tejo (Porto dos Cacos e Quinta do Rouxinol) (Quaresma - Raposo 2016).

O conteúdo das ânforas deste tipo não é consensual, sendo o vinho, o azeite e os preparados de peixe as propostas que permanecem em discussão,

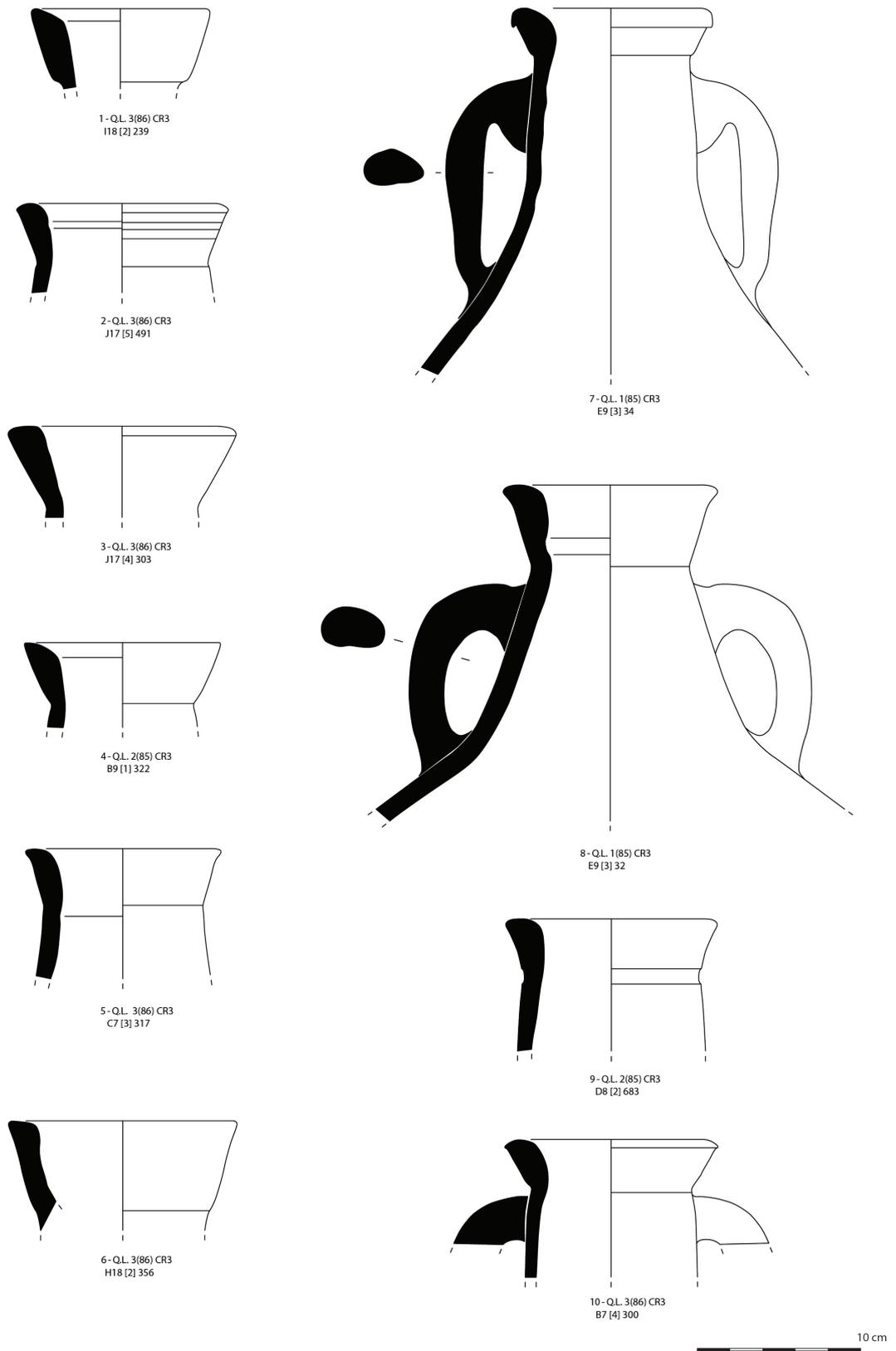


Fig. 11 - Ânforas africanas III, variante A.

discussão que talvez se possa encerrar apenas com a realização de análises químicas que incidam sobre os restos orgânicos que se conservarão nas paredes internas.

2.7. ÂNFORAS INCLASSIFICÁVEIS

Para além do bordo que, com muitas reservas, se classificou como Dressel 2-4 de produção bética (Guadalquivir), já cima comentado, o conjunto das ânforas importadas da Quinta do Lago conta ainda com outros fragmentos cuja classificação tipológica se tornou impossível.

Com pasta de difícil adscrição geográfica possuímos um bordo (fig. 13, nº 3) que sob o ponto de vista formal poderia incluir-se no grupo do tipo das Africanas I, concretamente nos produzidos nas oficinas de *Thaena*, na Bizacena (Bonifay 2004: 31 e 32, fig. 15, nº 2). Porém, a pasta distancia-se das do norte de África pelo que a sua origem fica, por agora, indeterminada.

O mesmo se pode referir em relação ao bordo maciço, com lábio ligeiramente exvasado, aplanado e face externa ondulada, que advém do espessamento de formato arredondado na área mesial (fig. 13, nº 4) A pasta é rosada, com escassos elementos não plásticos. Formalmente aproxima-se do tipo Tripolitana I (Bonifay 2004: 105), mas a pasta muito dificilmente poderia ser adstrita a essas produções da costa da Líbia.

O conjunto encerra-se com uma peça (fig. 13, nº 5) que possui bordo exvasado e moldurado, com dupla concavidade. O colo é curto, hiperboloide, e as asas, de fita, que arrancam da moldura mesial do lábio, possuem sulco central. O ombro é arredondado. O que existe do corpo deixa antever uma forma ovoide. Em termos estritamente formais aproxima-se do tipo Dressel 28, mas a análise macroscópica da pasta (cor-de-laranja com abundantes elementos não plásticos de média dimensão, sobretudo grãos de quartzo) não condiz com qualquer atelier conhecido do Guadalquivir, onde a forma se produziu e de que há exemplos neste mesmo sítio arqueológico. Estas evidências, formais e petrográficas, poderiam conduzir à formulação da hipótese de que a peça pudesse corresponder a uma importação da costa norte da Tarraconense, hipótese difícil de sustentar dado o facto de o atelier que fabricou este tipo anfórico (Emerdá) ter tido uma distribuição que parece ser eminentemente local (Tremoleda Trilla 2016).

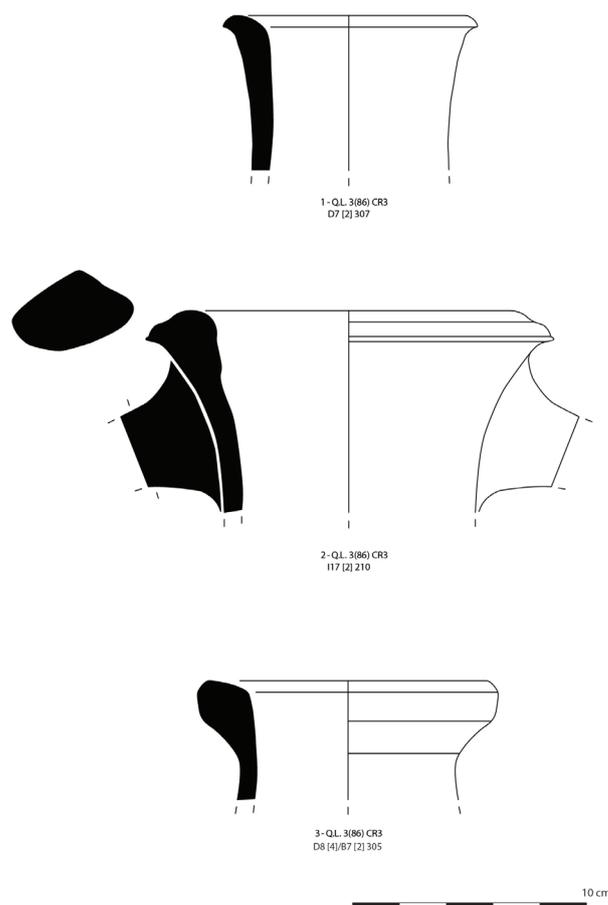


Fig. 12 - Ânforas africanas III, nº 1 e 2 - variante B; nº 3 africana Keay XXV, sub-tipo 2 de Bonifay (Africana IIIC) (?).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade que, durante a época romana, habitou o espaço que está hoje em parte ocupado pela Quinta do Lago consumiu produtos alimentares com origens diversas. Essa diversidade, que pode ser verificada através do estudo das importações anfóricas, merece ser devidamente avaliada e discutida tendo em consideração a cronologia dessas importações, também em função dos referidos produtos.

Em primeiro lugar, merece destaque o facto de as ânforas importadas se estenderem praticamente por toda a cronologia de ocupação do sítio, entre os meados do século I e os meados do IV. O facto de os níveis mais antigos estarem mais mal documentados arqueologicamente justifica, certamente, a escassez de importações do século I, e mesmo de grande parte do II, que consistiram, quase exclusivamente, em vinho oriundo da península

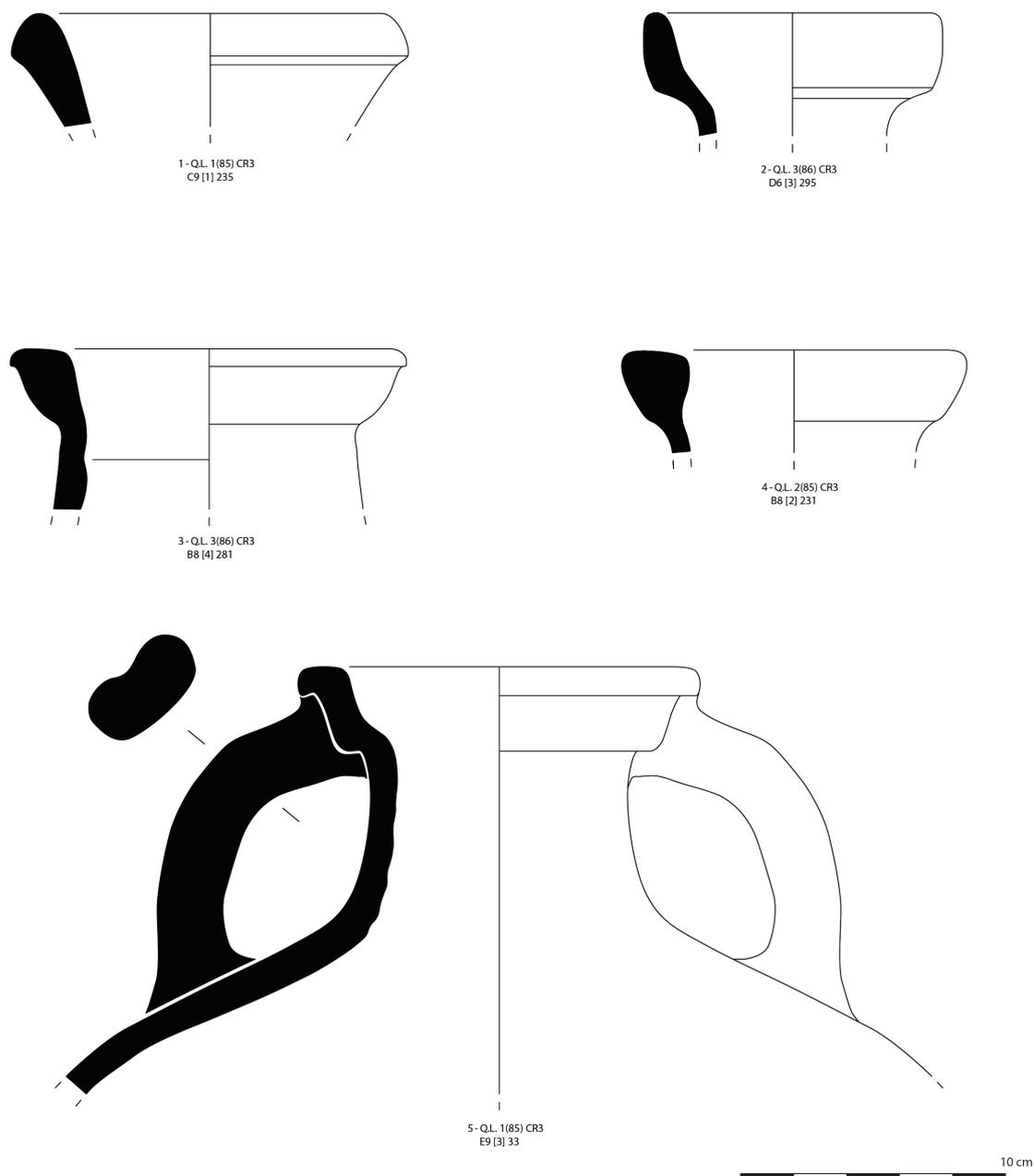


Fig. 13 - nº 1 - tipo Keay XXIV ou XLVI (?); nº 2 – Lusitana 3; nº 3, 4 e 5 inclassificáveis.

itálica, nas cronologias mais antigas.

Durante o século II, outros produtos foram acrescentados ao lote de alimentos importados. Ao vinho, agora gálico, somou-se o azeite, bético, e muito provavelmente também o africano, este no final da centúria. Os preparados de peixe produzidos no litoral bético supriram as carências em proteínas ao longo de todo este século e também, em parte, do seguinte. As importações cresceram, exponencialmente, a partir da segunda metade do século III, realidade que se prolonga até aos meados do seguinte, constituindo-se então a África Proconsular

como área de abastecimento privilegiado. As quantidades apreciáveis de ânforas africanas em termos absolutos correspondem a um momento em que a unidade de produção de preparados de peixe está em laboração plena, o que vem reforçar a ligação entre estes e o azeite, situação já constatada para outras cronologias de época romana (século I) e em outros sítios, como foi o caso de Monte Molião, em Lagos (Viegas - Arruda 2013: 729).

Por outro lado, parece importante referir ainda que é desta fase mais “industrial” da Quinta do Lago (meados do III/meados do IV), onde as

importações de azeite africano dominam, que data a grande maioria das 170 moedas romanas recuperadas no sítio (Conejo 2017). Trata-se de 114 numismas, muitos dos quais são imitações de cunhagens de Claudio II - Divo Cláudio (Conejo 2017). Segundo o mesmo investigador, este alto grau de monetarização evidencia a inclusão do sítio “en las redes comerciales del Império” explicável “por su carácter costero y industrial” (Conejo 2017: 322), e pode justificar-se pela necessidade de numerário para a aquisição dos produtos alimentares, como aqueles que se intuem, a partir do estudo das ânforas agora efectuado. A situação replica, aliás, a de outros sítios algarvios próximos, como é o caso do Cerro da Vila (Teichner 2008), por exemplo, onde, contudo, parece ter ocorrido em fase ligeiramente posterior, mas, de qualquer modo, coincidente com a ampliação das estruturas de tipo “industrial”.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. R. - MOROS DÍAS, J. (2014) - Um Testemunho da Figlina Scalensia em Lagos (Portugal): a propósito da grande fossa detritica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes. *Almadan* s. II (19) - Adenda electrónica: 44-59.
- ALMEIDA, R. R. - VIEGAS, C. - BEJA, N. - TEIXEIRA, N. (2014) - Ânforas do Mediterrâneo oriental em Faro (Ossonoba). Novos dados para equacionar o comércio durante a Antiguidade Tardia. In MORAIS, R. - FERNÁNDEZ, A. - SOUSA, M. J. (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Vol. I. Porto (*Monografías Ex Officina Hispana II*): 683-692.
- ARRUDA, A. M. (2017) - As ocupações antigas da Quinta do Lago (Almansil, Loulé). In *Loulé, Territórios, Memórias, Identidades*. Lisboa: 292-300.
- ARRUDA, A. M. - VIEGAS, C. (2016) - As ânforas alto-imperiais de Monte Molião. In JÁRREGA, R. - BERNI, P. (eds.), *Amphorae ex hispania: paisajes de producción y consumo*. Tarragona (*Monografías Ex Officina Hispana III*): 446-463.
- ARRUDA, A. M. - VIEGAS, C. - BARGÃO, P. - PEREIRA, R. (2006) - A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à época romana. *Setúbal Arqueológica* 13: 153-176.
- ARRUDA, A. M. - SOUSA, E. - BARGÃO, P. - LOURENÇO, P. (2008) - Monte Molião (Lagos) - Resultados de um projecto em curso. *Xelb* 8: 161-192.
- AVELINO, A. F. G. (2015) - *Achados arqueológicos subaquáticos no Algarve: As atividades comerciais entre a Idade do Ferro e Período Romano*. Dissertação de mestrado em Arqueologia - Especialização em Teoria e Métodos da Arqueologia. Universidade do Algarve.
- BERNAL CASASOLA, D. (2001) - La producción de ánforas en la Bética en el s. III y durante el bajo império romano. In *Actas del Congreso Internacional. Ex Baetica amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el imperio romano*. Vol. 1. Écija: 239-372.
- BERNAL CASASOLA, D. (2004) - Ânforas de transporte y contenidos. A propósito de la problemática de algunos envases de los ss. II y I a.C. In *Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz. XVI Encuentros de Historia y Arqueología (San Fernando, 2000)*. Córdoba: 321-378.
- BERNI MILLET, P. (2008) - *Epigrafía anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis*. Barcelona (*Colleció Instrumenta* 29).
- BERNI MILLET, P. - GARCÍA VARGAS, E. (2016) - Dressel 20 (Valle del Guadalquivir). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-20-guadalquivir-valley>). 23 noviembre, 2016.
- BONIFAY, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford (*B.A.R. International Series* 1301).
- BONIFAY, M. (2016) - Amphores de l'Afrique romaine: nouvelles avancées sur la production, la typochronologie et le contenu. In *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo*. Tarragona (*Monografías Ex Officina Hispana III*): 595-611.
- CARRERAS MONFORT, C. - GARCÍA VARGAS, E. (2016) - Dressel 28 (Valle del Guadalquivir). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-28-guadalquivir-valley>). 9 julio, 2016.
- CONEJO DELGADO, N. (2017) - Aproximación a la circulación monetária del Concejo de Loulé em época romana. In *Loulé, Territórios, Memórias, Identidades*. Lisboa: 318-323.
- DIOGO, A. D. - CARDOSO, J. P. - REINAR, F. (2000) - Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-2: 81-118.
- FILIFE, V. (2018) - *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GARNIER, N. - SILVINO, T. - BERNAL CASASOLA, D. (2011) - L'identification du contenu des amphores: huile, conserves de poissons et poissonnage. In *SFECAG. Congrès international d'Arles*. Marseille: 397-416.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas*

en la bahía de Cádiz en época romana: (siglos II a.C - IV d.C). Écija.

GARCÍA VARGAS, E. (2000) - Ânforas romanas producidas em Hispalis: primeiras evidencias arqueológicas. *Habis* 31: 235-260.

GARCÍA VARGAS, E. - BERNAL CASASOLA, D. - DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2016) - Beltrán IIB (Baetica coast), *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/beltran-iib-baetica-coast>). 08 July, 2016.

KEAY, S. (1984) - *Late roman amphorae in the western Mediterranean. A typological and economic study: the Catalan evidence*. Oxford (B.A.R. International Series 196).

LAUBENHEIMER, F. (1985) - *La production des amphores en Gaule Narbonnaise*. Paris.

LONG, L. - DUPERRON, G. (2011) - Le mobilier de la fouille de l'épave romaine Arles-Rhône. Un navire fluvio-maritime du III siècle de notre ère. In *SFECAG. Congrès international d'Arles*. Marseille: 37-56.

MANACORDA, D. (1977) - Anfore. In *Ostia IV: Le terme del nuotatore: scavo dell'ambiente XV e dell'area XXV. Studi Miscellani*. Roma: 117-254.

MARTIN-KILCHER, S. (1987) - *Die Römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst. Ein Beitrag zur römischen Handels- und Kulturgeschichte. 7.1. Die südspanischen Ölamphoren*. Augst.

MARTIN-KILCHER, S. (1994) - *Die römischen amphoren aus Augst und Kaiseraugst. Ein Beitrag zur römischen Handels- und Kulturgeschichte II: Die Amphoren für Wein, fischsauce, Südfrüchte (Gruppen 2-24) und Gesamtauswertung*. Augst.

MAUNÉ, S. (2013) - La géographie des productions des ateliers d'amphores de Gaule Narbonnaise pendant le Haut Empire. Nouvelles données et perspectives. *Revue d'archéologie de Narbonnaise* 45: 335-373.

PANELLA, C. (1973) - Appunti su un gruppo di anfore della prima, media e tarda età Imperiale. In *Ostia III: Le terme del Nuotatore: scavo dell'ambiente V et di un saggio dell'area. Studi miscellanei*. Roma: 460-633.

PECCI, A. - CAU, M.A. (2010) - Análisis de residuos orgánicos en ânforas. El problema de la resina y el aceite. In BLÁZQUEZ, J. M. - REMESAL, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio (Roma) V*. Barcelona: 593-600 (*Instrumenta* 35).

PEREIRA, C. (2012) - O sítio romano do Vidigal. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15: 155-179.

QUARESMA, J. C. - RAPOSO, J. (2016) - Lusitana 3 (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/lusitana-3-western-lusitania>). 08 July, 2016.

REVILLA CALVO, V. (2007) - Las ânforas tunecinas y tripolitanas de mediados del siglo III d.C. (campañas 1995-1997). In BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. - REMESAL RODRÍGUEZ, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio: Roma, IV*. Barcelona: 317-335.

REVILLA CALVO, V. (2010) - Las ânforas tunecinas y tripolitanas. In BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. - REMESAL RODRÍGUEZ, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio: Roma, V*. Barcelona: 397-414.

REVILLA CALVO, V. (2013) - Las ânforas norteafricanas del Monte Testaccio (Roma): tipologías, cronologías y zonas de procedência. In RIBERA, A. (coord.), *Manual de cerámica romana. Del Mundo Helenístico al Imperio Romano*. Valencia: 415-442.

REVILLA CALVO, V. (2014) - Las ânforas africanas del siglo II d.C. (Campañas de 2000 y 2005). In BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. - REMESAL RODRÍGUEZ, J. (eds.), *Estudios sobre el Monte Testaccio: Roma, VI*. Barcelona: 559-570.

RIZZO, G. (2014) - *Ostia VI. Le Terme del Nuotatore. Le anfore Ostia e i commerci mediterranei*. Roma (*Studi Miscellanei* 38).

SILVA, C. T. da - COELHO-SOARES, A. - SOARES, J. (1987) - Nota sobre material anfórico da foz do rio Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica* 8: 203-220.

SILVA, C. T. - SOARES J. - SOARES, A. C. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica* 9-10: 335-374.

TEICHNER, F. (2008) - *Zwischen Land und Meer - Entre Terra y mar*. Mérida (*Studia Lusitania* 3).

TREMOLEDA TRILLA, J. (2016) - Dressel 28 (Tarraconensis northern coastal area). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-28-tarraconensis-northern-coastal-area>). 09 July, 2016.

VIEGAS, C. (2006) - O Forno romano da Manta Rota (Algarve). *Setúbal Arqueológica* 13: 177-196.

VIEGAS, C. (2011) - *A ocupação romana do Algarve - estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa (*Estudos e Memórias* 3).

VIEGAS, C. - ARRUDA, A. M. (2013) - Ânforas romanas de época imperial de Monte Molião (Lagos): as Dressel 20. In *Arqueologia em Portugal, 150 depois. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 727-735.

VIEGAS, C. - DINIS, T. (2010) - Pedras d'el Rei (Tavira): villa suburbana de Balsa. *Xelb* 10: 235 - 251.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CÉSAR NEVES</i> - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
<i>SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ</i> - <i>ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ</i> - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
<i>JOÃO PIMENTA</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
<i>GIL VILARINHO</i> - <i>A terra sigillata</i> do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA</i> - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
<i>FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS</i> - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
<i>CATARINA FELÍCIO</i> - <i>FILIPE SOUSA</i> - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
<i>TÂNIA MANUEL CASIMIRO</i> - <i>SARAH NEWSTEAD</i> - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
<i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>LÍDIA FERNANDES</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - <i>SUSANA DUARTE</i> - <i>ANTÓNIA COELHO-SOARES</i> - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

